



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, ENSINO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO INICIAL: PRIMEIRAS INDAGAÇÕES¹

Lisiane Sales Rodrigues², Fernando Jaime Gonzaléz³.

¹ Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, bolsista FAPERGS/CAPES

² Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, bolsista FAPERGS/CAPES

³ Doutor, professor orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ

O ensino de História é entendido como um componente fundamental da educação básica brasileira. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem como objetivos desta disciplina, a formação de um sujeito crítico, capaz de reconhecer e respeitar diferentes grupos sociais, em seus diversos tempos, reconhecendo semelhanças, formulando explicações para questões do presente e do passado, compreender as formas de organização social e política desenvolvidas valorizando o direito a cidadania e fortalecendo a democracia. (BRASIL, 1997)

O professor de História, como articulador do processo de ensino/aprendizagem tem a tarefa, de propiciar condições para os alunos desenvolverem um senso crítico, com conhecimentos que o possibilitem discutir, argumentar e compreender o mundo onde vive. Buscar colaborar na formação de um cidadão participativo consciente de seu passado histórico, e como esse passado articula-se com o presente, sem os anacronismos de projeções do presente no passado, meramente descontextualizadas. Miranda (apud FONSECA 2009) ressalta que mesmo nessa busca pela aprendizagem histórica, o professor mediador do processo deve tomar o cuidado no foco temático para que a história não se torne algo estranho e distante, mas sim algo presente e concreto, considerando que esses sujeitos possuem relações que transcendem os muros da escola.

O professor, que também é um sujeito histórico, e não, simplesmente um ser que veste a roupa da historicidade (HELLER 1993). Constrói sua identidade, imerso nesta historicidade, e esse, se reconhecendo como sujeito histórico, portador de uma consciência histórica, exerce a influência no reconhecimento de outros, tantos quantos forem os alunos que por ele passarem em sua docência. Com o passar dos anos esse sujeito vai enriquecendo as suas histórias, suas vivências, elaborando novos saberes, enquanto recém-formado, é a vivência de seus grupos familiar, social, e de sua graduação, e outros, que irão compor esse sujeito.

Nesse contexto, o trabalho discute, de maneira inicial, a formação da consciência histórica na preposição de Jörn Rüsen (2010) e os estágios de desenvolvimento da consciência histórica em Agnes Heller (1993 e 2004). Complementando esse movimento teórico, também é discutida a





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

constituição da consciência histórica em professores de História, a partir das leituras de Fonseca (1995, 1997, 2009), Schmidt (2010), Tardiff (2002) e Silvae Fonseca (2012).

Agnes Heller (1993), fala da historicidade do sujeito a partir da teoria kantiana, objetivando que “historicidade não é uma roupa que vestimos”, mas que o homem, o sujeito, é historicidade, tempo e espaço. O homem é tempo e espaço, então as categorias quantidade, qualidade, relação e modalidade são a expressão sobre a reflexão do próprio Ser. Esse Ser em seu tempo e seu espaço que constitui o “sujeito histórico”. Mas esse Ser, sem a quantidade, qualidade, relação e modalidade, torna-se o vazio.

Jörn Rüsen (2010) fala de uma construção de consciência histórica através da narrativa de vida desse sujeito, ouvida, objetivada e refletida. O contar histórias, o ouvir as histórias, viver as histórias, fariam com que esses estágios trabalhados por Heller (1993) fossem reelaborados pelo sujeito histórico, para a compreensão, do que foi, do que é, e do que poderá pensar ou planejar para seu futuro.

Mas se o homem é a história, como essa consciência vai sendo construída nesse sujeito. Se involuntariamente de modo intuitivo, ai explicam-se, pelo menos um pouco as alienações; se colaborativamente, por meio de sua convivência em grupo, e, então temos um processo de aprendizado, uma subjetivação desse sujeito histórico. Partindo do princípio de que o homem não se forma sozinho, o primeiro grupo social a que pertence é o familiar, essa família possui um passado, que somados a outros sujeitos, formam a história de um grupo social, ou comunidade, no qual esse sujeito é inserido. A forma como essas tradições históricas são transmitidas, compreendidas e a maneira como o sujeito subjetiva esses conteúdos são o que compõe e sustenta sua consciência histórica.

O pensamento rüseniano problematiza o processo de construção da consciência histórica para a Didática da História e coloca o professor de História como o articulador desse processo na Educação Básica, quando possibilita aos jovens uma aprendizagem significativa da História, para uma compreensão da vida e da sociedade. A condução desse processo, na perspectiva do autor, trará para compreensão não somente a sua história, a história de onde vivem, mas levará esses a constituir uma orientação temporal desfazendo a ideia de que consciência histórica seria uma “identidade local ou nacional” (SCHMIDT, et al, 2010, p. 15).

Nas propostas de Rüsen (2010), pressupõe-se então que o professor como sujeito histórico envolvido nesse processo também deve ter constituído sua consciência histórica. Considerando que esse sujeito professor, traz consigo seus saberes experiências, sua história de vida familiar, de seu lugar, suas militâncias, suas crenças, tradições que irão se somar a sua formação inicial e continuada, aos saberes didáticos e pedagógicos (TARDIFF 2002) o conjunto dessas experiências e formações irão constituir a consciência histórica do professor.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

A formação do professor de História ao longo do tempo, não referencia uma aprendizagem ou uma formação da consciência histórica. Os currículos dos cursos de História falam na formação de um profissional capacitado para a docência em História, um profissional com perfil crítico, mas para conduzir um processo dessa dimensão, baseado nas histórias de vidas de outras pessoas, outros grupos, em fim uma sociedade que como ele está em constante movimento, eterna construção. Esse professor é o novidadeiro do passado, resignificando com seu olhar presente, para mediar com seu aluno à construção de um conhecimento.

O professor que sabe se situar no tempo histórico, se colocar como sujeito de sua própria história, pode tornar sua prática pedagógica significativa, envolvente, e provocar um encantamento, quando consegue fazer com que seus alunos também se coloquem dessa forma, fazendo com que as informações e conhecimentos sejam progressivamente interiorizados, tornando-se parte da ferramenta mental do sujeito e sendo utilizada, com alguma consistência, como orientação no seu cotidiano (SCHMIDT, 2010)

O professor, nesta perspectiva da constituição da consciência histórica, deve desenvolver certos saberes e práticas, que muitas vezes na formação acadêmica somente lhe proporciona a metodologia, a teoria, mas a sensibilidade para que esse sejam significativos, seus saberes experiências suas vivências se fazem necessárias. Silva e Fonseca (2012) revelam a fragilidade da formação docente quando afirmam que “é necessário ao profissional de história que faz a opção pela docência (...), um investimento na formação continuada, com o objetivo de reconstruir saberes da formação universitária e a complexidade dos saberes escolares e experiências mobilizados no cotidiano da prática escolar”.(p. 34).

Tomando esse marco conceptual surgem questionamentos sobre a formação inicial dos professores de história. Perguntas como: Em que medida os cursos de história focam a formação da consciência histórica dos futuros professores? Como esses professores se constituem, se compreendem, em que meio “tradicional”, familiar, consciente ou inconsciente se deu essa formação? Ela se confirmou, se completou, se refletiu, se contradisse, enfim se transformou na formação acadêmica? De que forma o professor significa sua consciência histórica para poder mediar o processo de seu aluno? Essas são algumas das perguntas orientarão os próximos passos da pesquisa no meu Mestrado em Educação na Ciência na Unijuí.

Palavras-Chave: Consciência Histórica, Ensino de História, Professor de História

Referências

FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. Ser professor no Brasil – história oral de vida. Campinas: Papyrus, 1997.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.





SALÃO DO CONHECIMENTO UNIJUÍ 2013
Ciência • Saúde • Esporte



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

_____ Uma teoria da História. Tradução de Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende: Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: UFPR, 2010

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar História no séc XXI: em busca do tempo entendido. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 4ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

